

PRAÇA DR. THEODORO NEWTON DIEDRICHS: LUGAR DE MEMÓRIA

DR. THEODORO NEWTON DIEDRICHS SQUARE: A PLACE THAT EVOKES MEMORY

Jeferson do Nascimento Machado

Licenciado em História pela Universidade Estadual Centro-Oeste (UNICENTRO) e mestrando em História e Regiões no PPGH pela Universidade Estadual Centro-Oeste (UNICENTRO) jeferson075@gmail.com

RESUMO

Compreendendo a relevância dos estudos acerca das apropriações populares. Buscou-se neste artigo, mostrar como essas apropriações acontecem na Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs da cidade de Imbituva-PR. Para tanto, operamos uma discussão através de relatos, fonte jornalística e de teóricos conceituados nessas discussões, o que nos levou a concluir que a Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs é um espaço onde se pratica diferentes formas e que essas formas de apropriações estão ligadas a idade daqueles que a utilizam.

Palavra-chave: Lugar de memória; apropriação; Imbituva.

ABSTRACT

In order to understand the relevance of cultural appropriation the following paper tried to show how such appropriation takes place at Dr. Theodoro Newton Diedrichs square in the city of Imbituva, in the state of Parana, Brazil. Therefore, it displays several discussions such as accounts, news articles and well-known theorists on such topic. Thus, the author concluded Dr. Theodoro Newton Diedrichs square is a place where there are many different kinds of cultural appropriation, and each appropriation depends on how old the square goes are.

Keywords: A place that evokes memories; appropriation; Imbituva.

INTRODUÇÃO

Este estudo acerca da Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs, que está localizada na cidade paranaense de Imbituva, foi o resultado final da disciplina de “História e Memória”, oferecida como optativa no curso de história da Universidade Estadual do Centro-Oeste, no ano de 2015.

O trabalho foi elaborado como trabalho final da disciplina e, sobretudo, com o intuito de visualizarmos a teoria estudada em sala por meio de uma prática

historiográfica. Acreditamos que, junto à Professora Ana Paula Wagner¹, tivemos uma série de reflexões teóricas importantes e, justamente por isso, conseguimos um bom desempenho na pesquisa e na produção do texto final.

Dessa forma, confiamos que este texto poderá fomentar outros estudos, abrindo possibilidades para um olhar histórico sobre os “lugares de memórias” e a interação cotidiana da população com os mesmos; também acreditamos que este estudo poderá ser útil para professores, sobretudo imbituvenses, interessados em trabalhar a história local; e, ainda por último, o texto vem contribuir para a construção da história de Imbituva², por meio da inserção de um novo olhar onde se insere o próprio cotidiano da cidade e os “lugares de memória”.

O estudo da Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs, como “lugar de memória”, tal qual Pierre Nora o concebe, emerge com a pretensão de compreender o espaço público, seja pelo viés da idealização de seus fundadores, seja pelo viés da apropriação popular. Desse ponto de vista, a nossa pesquisa se insere na problematização da Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs, buscando compreender o fenômeno (praça) como uma estrutura permanente na idealização, porém dialético em suas mais variadas apropriações culturais. As praças fazem partes do mundo cotidiano e se inscrevem no tempo, tornando-se um referencial da identidade de um coletivo e de uma cidade.

O presente texto possui caráter exploratório e, por meio de relatos³ e fonte jornalística, buscou aproximações teóricas com o conceito de “apropriação”, de Michel de Certeau e “lugar de memória”, de Pierre Nora.

O artigo está dividido em quatro partes, acrescida das considerações finais. A primeira parte busca mostrar um pouco quem foi a pessoa Dr. Theodoro Newton Diedrichs, por meio do jornal *Jornal Imbituva Hoje Regional* (GRAESER, 2015). Na segunda parte há uma abordagem acerca da Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs. Já na terceira parte o estudo procura discutir a luta contra o esquecimento, pontuando que a praça está ancorada em um medo do esquecimento, produto da nossa sociedade contemporânea que atropela qualquer memória e a lança para o esquecimento. E finalmente, na quarta

¹ Dra. Ana Paula Wagner é Professora adjunta de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste Campus de Irati.

² Município situado na região Centro-Oeste do Paraná.

³ Relatos coletados em diálogos com transeuntes durante o mês de maio de 2015.

parte, há a questão da apropriação, levando em conta os variados tipos de cidadãos imbituvenses que utilizam e reinventam a praça.

A PESSOA DR. THEODORO NEWTON DIEDRICHS

Pontuamos que para reconstituirmos a vida da pessoa Dr. Theodoro Newton Diedrichs, nos utilizamos do *Jornal Imbituva Hoje Regional* (GRAESER, 2015), o jornal mais antigo da cidade (ainda em circulação), que em de suas publicações - de 15 de julho a 30 de julho de 2015 - fez um “Breve Relato Sobre a Vida de Theodoro Diedrichs”.

Já que serão utilizados impressos como fonte, há a necessidade de pontuar, no que tange a utilização de jornais como fonte, que “como ostentam a tarefa de representar a sociedade na qual estão inseridos, os periódicos se tornaram fontes fundamentais para os estudos de temáticas diversas” (BEZERRILL, 2011, p. 2).

Em vista disso, compreendemos que o *Jornal Imbituva Hoje Regional* catalisa o cotidiano e o representa em suas páginas, mas

[...] não como um espelho do espaço público. Isso porque a notícia não implica no fato em si, mas em uma abordagem, em um relato daquilo que ocorreu. Existe, portanto, uma limitação simbólica, mas isso não quer dizer que o que estaria sendo relatado não seja verdade, pois isso vai depender da concepção subjetiva de cada um. (BEZERRILL, 2011, p. 5)

Feito essas considerações, apontamos que localizamos no *Jornal Imbituva Hoje Regional* (GRAESER, 2015), em artigo intitulado “Breve Relato Sobre a Vida de Theodoro Diedrichs” que Dr. Nuna⁴ foi além de médico, artista amador e prefeito da cidade. O mesmo artigo comenta sobre a missa realizada no dia 5 de julho em memória do Dr. Theodoro Diedrichs.

O texto foi escrito por sua própria neta, Maredy Graeser Abib. Segundo ela, Dr. Nuna nasceu em Porto União, Santa Catarina, em 30 de junho de 1915. Coursou medicina na Universidade Federal do Paraná, formou-se em 1940 e atuou na cidade de Imbituva. Em Imbituva ficou conhecido como um médico que estava sempre disposto a salvar vidas, independentemente de o paciente ter condição de pagar seu trabalho ou não. Ele além de ter atuado como médico foi prefeito de Imbituva por dois mandatos (1959-1963 e 1973-

⁴ Dr. Nuna era o apelido dado a Dr. Theodoro Newton Diedrichs e que optamos por usar em nosso texto.

1974) e em sua carreira política construiu o campo do Clube Atlético Imbituvense e fundou o Colégio Cenecista, depois o mesmo colégio ganhou seu nome em homenagem ao ilustre médico.

Dr. Nuna faleceu em 1974 e, conforme Graeser relata no Jornal:

O dia 3 de dezembro de 1974, quando vínhamos em cortejo com o corpo do Dr. Nuna para ser velado na Câmara Municipal, quando mais ou menos uns 500 metros antes do trevo principal, havia carros enfileirados dos dois lados da BR esperando a sua chegada e todos com lágrimas nos olhos acenando. (GRAESER, 2015, p. 8)

Necessitamos apontar que o artigo do jornal é uma produção da subjetividade da neta de Dr. Nuna, que está sujeito a influência dos seus laços afetivos com seu avô. Essa influência pode estar no momento em que ela afirma que estavam “todos com lágrimas nos olhos e acenando” ou ao colocar a questão do seu avô como um grande filantropo. No entanto, devemos acrescentar que sua fala, mesmo que possua algumas adjetivações, corrobora para sabermos sobre a pessoa por traz do nome da Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs, que abordado logo adiante.

PRAÇA DR. THEODORO NEWTON DIEDRICHS

A Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs é uma antiga praça da cidade Imbituva, que já foi palco de muitos acontecimentos, a maioria de cunho político, pois ela foi palco de muitos comícios políticos. Nela já estiveram personagens como Lupion, Pinheiro Machado e o integralista Plínio Salgado, que em uma de suas visitas a Imbituva fez longo discurso na praça, sendo noticiado pelo jornal *Diário do Paraná*⁵.

Ela fica localizada na parte mais elevada e central da cidade, permanecendo em um local estratégico, onde todos os imbituvenses acabam, por várias vezes, utilizando e se apropriando dela. O lugar também se torna estratégico porque a própria paróquia da cidade encontra-se neste espaço. Assim, o lugar é sempre visitado, sendo

⁵ Para saber mais, ler o seguinte documento:

Falou ao povo de Imbituva o líder nacionalista e cristão. **Diário do Paraná**, Curitiba, 28 ago. 1958. 1, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=23085&Pesq=Imbituva%20repetir%C3%A1>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

constantemente interiorizado e reinterpretado pelas pessoas que ocupam esse espaço, e cada qual interpreta e dá sentido ao mesmo fenômeno (praça) à sua maneira.

Algumas pessoas enxergam a praça como lugar para prática de esporte e da cultura⁶, neste caso podemos citar os capoeiristas que a utilizam para promover rodas; já outras pessoas enxergam o mesmo lugar para promoção da arte, nesse caso os jovens que se reúnem para cantar e tocar violão. Ainda há aqueles que utilizam a praça como simples lugar de espera para o início da missa ou espera para um encontro, seja amoroso ou não, e depois desocupam o local. Estas formas de apropriações são transmitidas a partir do convívio entre os agentes sociais que por ali passam e, por conseguinte, podemos indicar que

A praça e também o espaço da cidadania, pois, nesta perspectiva está diretamente associado com a formação de uma cultura compartilhada entre os moradores da cidade que compõe uma heterogênea sociedade dentro do espaço urbano (VIGLUS, 2017, p. 13).

Entre todos aqueles que frequentam a praça é perceptível o número maior de jovens. As pessoas de meia idade ou idosas podem ser encontradas em outros momentos, como nos dias festivos e horários anteriores à missas. Todas essas pessoas – jovens e idosas (ou de meia idade) - possuem uma forma de leitura sobre o que é a Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs: alguns enxergam nela um lugar para o lazer, sem a perceber como um lugar com um projeto de homenagem e permanência memorial de um único homem, no caso o Dr. Nuna.

Sem interesse pelo sentido real de seu nome, muitos deles desconhecem o nome real da praça e costumam chamá-la de Praça da Matriz, ignorando seu nome “verdadeiro” e se apropriando do espaço, não como um lugar de memória para Dr. Nuna, mas sim como um “lugar de memória” ao qual eles mesmos fazem parte, e desse modo percebem-se inseridos como agentes históricos na Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs. Nesse público se encontram majoritariamente jovens e quando questionados, em uma conversa informal, sobre como enxergam a praça estes disseram que “a Praça da Matriz é um espaço que utilizam para o lazer e que remetem muitas lembranças pessoais e do coletivo”, ou seja, não concebem a praça como um espaço de homenagem ao Dr. Nuna, mas como um local onde eles mesmos são os protagonistas e homenageados.

⁶ É válido comentar que essa utilização do espaço para a prática cultural e esportiva, em sua quase totalidade, são agentes sociais pertencentes à classe proletária.

Outros, em casos mais específicos e ligados geralmente a uma faixa etária de adultos, na média dos 40 anos, concebem a praça como um espaço em homenagem ao Dr. Nuna e quando questionados, também em conversas informais, sobre como viam a praça, foram sucintos em dizer que “esse lugar é cheio de história e nos faz lembrar o Dr. Nuna, grande médico e piedoso que atendia a todos independente da classe, mas também faz lembrar as festas e os encontros”. Nesse caso, as pessoas ao falarem da praça não se referem somente a eles próprios, mas também a figura de Dr. Nuna e sua importância para a cidade.

Mas de qualquer modo, independentemente da idade, o que ocorre é uma produção de imagens coletiva que tem apoio em imagens espacial e “esta relação entre as pedras da cidade e os homens contribui para a preservação da memória coletiva” (VIGLUS, 2017, p. 27). E conforme Halbwachs (1990, p. 139) *apud* Viglus (2017, p. 27): “os grupos [...] estão naturalmente ligados a um lugar porque é o fato de estarem próximo no espaço que criou entre seus membros relações sociais [...]”. Dessa maneira, a praça, enquanto lugar concreto, serve como ponto de apoio para a evocação de memórias e funciona, como veremos adiante, como instrumento de luta contra o esquecimento.

LUTA CONTRA O ESQUECIMENTO

Como indicamos até então, a praça é concebida de variados sentidos e apropriação, demonstrando ser um lugar de memória (NORA, 1993), que nasceu com o propósito de preservar a memória do Dr. Nuna, que, no entanto, também ganhou sentidos diversos de seu propósito inicial. Aqui assinalamos que um lugar de memória é segundo Pierre Nora, “antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12).

Pierre Nora, em seu texto *Entre a Memória e história*, nos diz que a sociedade contemporânea, capitalista e veloz, não deixa possibilidade de uma história-memória, aquela que existiu no século XIX e oferecia um sentido, pois tratava a história como processo e unificava passado e presente dando a história à dialética da vida e se aproximando muito de um tempo vivo, pois o passado não estava morto. Nas palavras de

Nora, "a verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado" (NORA, 1993, p. 18).

E nesse aspecto a Praça de Imbituva aparece como um lugar de memória, pois ela está ancorada em um medo do esquecimento, produto da sociedade capitalista que atropela qualquer memória e a lança para o esquecimento. Nesse caso a praça está estritamente ligada ao conceito de lugar de memória, pois conforme Nora,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, autenticar atas, porque estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Aqui vale observar que fica compreensível nas falas dos imbituvenses e da celebração da missa em sua memória, que o "lugar de memória", no caso da Praça de Imbituva, é um lugar necessário para remeter a um passado, ainda não tão distante, e reafirmar aquilo que de outro modo poderia ser esquecido através do tempo.

Caso a praça não existisse, então provavelmente só algumas pessoas se lembrariam de quem foi Dr. Nuna, pois percebemos um esquecimento nas gerações contemporâneas em relação ao sujeito histórico Dr. Nuna. Porém como existe esse lugar de memória, que é a praça, foi possível alguém, no caso, familiares e amigos de Dr. Nuna, encontrar uma forma de reviver aquilo que estava sendo esquecido. A noção de ruptura e um sentimento de perda de uma memória coletiva fez com que houvesse uma ação para reanimá-la novamente. Ou como pontua Nora:

Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. (NORA, 1993, p. 01).

Lúcia Lippi Oliveira em *As festas que a República Manda Guardar*, também corrobora com essa colocação ao afirmar que "a comemoração serve para exorcizar o esquecimento" (OLIVEIRA, 1989, p. 173). E essa ideia de exorcizar o passado aparece, no caso aqui tratado, sob forma de uma missa solene na Matriz Santo Antônio, na memória de Dr. Nuna, por ocasião do seu centésimo aniversário.

O lugar de memória, sendo o ritual de uma missa, no caso da Missa em celebração ao Dr. Nuna, ou o espaço da praça da cidade, com suas árvores, bancos e a própria Igreja,

em todos seus aspectos, é uma luta contra o tempo. Também a memória, o ato de estar sempre lembrando e a história como escrita explicativa, são formas de luta contra a ação do tempo, pelo qual nada escapa. Assim sendo,

[...] nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade (PESAVENTO, 2005, p. 15).

E nesta direção, observamos que existe certa finalidade de “resgate” na celebração ocorrida em 05 de junho de 2015, já que o fato foi notificado no *Jornal de Imbituva Hoje Regional*, que tem uma circulação expressiva. Conseqüentemente, se a notificação do jornal não causou uma reflexão geral aos imbituvenses a respeito da figura pública do Dr. Nuna, ao menos levou uma parcela de imbituvenses a refletirem sobre o assunto e, deste modo, atingiu em partes o objetivo de “resgate”.

APROPRIAÇÃO POPULAR DA PRAÇA DE IMBITUVA

A ideia de uma massa passiva, que só consome e reproduz aquilo que está posto sem alterá-la foi posto em xeque por Michel de Certeau, que estabeleceu um novo olhar sobre a massa: onde a população se apropria das coisas oferecidas e reinventa o cotidiano dando novos sentidos. Conforme Duran (2007, p 119):

Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re) apropriação do espaço, e do uso, ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas.

Assim sendo, os cidadãos imbituvenses apropriam-se da praça e dão vida a ela, fazem um elo entre tempos distintos, criando assim um tipo de tríade, semelhante aquilo que Paul Ricoeur chamou de tríplice mimese, ao tratar do tempo e narrativa (BARROS, 2011). O cidadão se apropria de um “lugar de memória” através “do presente pela visão, o passado pela memória e o futuro pela expectativa” (BARROS, 2011). Desse modo, percebemos o cidadão como agente social ativo e interpretador do presente, por meio de articulações entre aquilo que foi, aquilo que é e aquilo que será.

Por conseguinte, esse modo dialógico, que foge da concepção aristotélica do tempo dos astros (o tempo cronológico, marcado pelo movimento dos astros: sol, terra, lua, estrelas, etc), nos leva a ideia de que “habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora.” (PESAVENTO, 2005, p.14).

PESAVENTO também pondera que o cidadão está sempre a

“... renovar e reabilitar, jogando, desde o presente, as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos” (PASSAVENTO, 2005, p. 14).

Esse exercício de cidadania acontece, tanto com os jovens quanto com os adultos, pois o cidadão imbituvense, no caso dos mais jovens, apesar de não estarem estritamente ligados com o passado longínquo da fundação, ainda assim possuem um elo entre o lugar e o passado, não aquele distante, mas o passado do tempo presente.

O jovem se liga há um tempo necessariamente dele próprio e de sua geração, dando uma significação distinta das gerações mais antigas. Ele vê na praça um local onde ele e seus pares se manifestaram como agentes e se inscrevem por apropriações dela como local de lazer, de local de prática esportiva e de local para cantarem e tocarem seus violões. Em relato oral⁷, o capoeirista Jeverson Santana, corrobora com esta reflexão quando comenta que eles faziam “roda ali na praça, o pessoal parava [...] era muito bom, você olhava para o lado e estava todo mundo trepado nos banquinhos para enxergar melhor, o pessoal participava bastante, batia palma [...]”⁸.

No que diz respeito a capoeira, devemos explicar que, conforme Carlos Eugênio Líbano Soares a prática da capoeira nas praças remete ao século XIX e “como seria de esperar, as praças abertas eram locais de predileção para o exercício do ‘jogo’, não somente por seu amplo espaço, mas por facilitar a fuga, nem sempre bem-sucedida [...]” (SOARES, 2004, p. 75). Portanto, podemos dizer que a capoeira imbituvense está articulada a uma tradição antiga e que a praça é parte integrante de suas práticas. E isso se confirma, porque desde o primeiro momento, Prof. Borgo (precursor da capoeira na

⁷ Esta fonte foi coletada e utilizada levando em conta a metodologia da História Oral (ALBERTI, 2005; MEIHY, 2005).

⁸ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Sr. Jeverson Santos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imituva/Pr. Duração 21min37seg. UNICENTRO/Pr.

cidade) passou a realizar demonstrações na praça, o que contribuiu para a divulgação da arte, pois muitos dos que presenciavam as demonstrações ficavam curiosos e passaram a praticar com ele. Assim sendo, a capoeira imbituvense se desenvolveu enquanto prática na Praça Theodoro Newton Diedrichs e o local tornou-se tradicional para a prática (MACHADO, 2018).

No caso das gerações mais velhas, elas fazem um elo diferenciado, pois reconhecem a fundação e o porquê do nome e já ligam o nome a um personagem histórico do passado, como no caso do Dr. Nuna. Também possuem lembranças das festas que ali aconteceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, percebemos que a Praça Dr. Theodoro Newton Diedrichs é um lugar de memória onde há um elo entre presente e passado, estando sempre em luta contra o esquecimento. Percebemos também que existem várias formas de apropriar-se do mesmo local, isso articulado ao contexto histórico-social de cada cidadão. Ou seja, dependendo da geração há uma forma de identificação com a Praça, porém em termos gerais ela liga todos os cidadãos imbituvenses à uma identidade de pertencimento com a própria cidade.

Também observamos a existência de uma busca de “resgate” na celebração ocorrida em 05 de junho de 2015, logo que o fato foi notificado no *Jornal de Imbituva Hoje Regional*, que tem uma circulação expressiva. Como resultado, se a notificação do jornal não causou uma reflexão geral aos imbituvenses a respeito da figura pública Dr. Nuna, ao menos levou uma parcela de imbituvenses a refletirem sobre o fato e, à visto disso, atingiu, em partes, o objetivo de “resgate”.

Por último, apontamos que este trabalho foi um primeiro exercício de aproximação da análise da praça e que, longe de encerrar a discussão, pretende ser um fomentador para novos olhares sobre a mesma.

REFERÊNCIAS

BARROS, José de Assunção. *Paul Ricoeur e a Narrativa Histórica*. Rio de Janeiro: História, imagem e narrativas, 2011.

BEZERRILL, Simone da Silva. *Imprensa Política: jornais como fonte e objeto de pesquisa para estudos da escravidão*. São Luiz: Universidade Estadual do Maranhão, 2011.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de Pensar o Cotidiano com Michel de Certeau. Curitiba: *Diálogos Educ*, v. 7, n 22, 2007.

GREASER, Abid Maredy. Breve relato da vida de Theodoro Newton Diedrichs. *Jornal Imbituva Hoje Regional*, Imbituva, 15 de jul a 30 de jul. 2015. Caderno Geral, p 08.

MACHADO, J. N. *Praça Theodoro Newton Diedrichs: Lugar de Memória*. Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2016. 8 p. Disponível em:

<<http://anais.unicentro.br/semanadehistoria/pdf/xiv3n1/1.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

MACHADO, J.N. HISTÓRIA DA CAPOEIRA NA REGIÃO DE IMBITUVA-PR: CULTURA NEGRA ENTRE BRANCOS. *Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 33 - 64, jan. 2018. ISSN 2357-8556. Disponível em:

<<http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=2904>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares.” In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, 1993

OLIVEIRA, L. L. As festas que a República manda guardar. *Estudos Histórico*. Rio de Janeiro, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. Goiânia: *Revista Mosaico*, 2008.

VIGLUS, Vera Marina. A PRAÇA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO EM PONTA GROSSA – PARANÁ: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR DE MEMÓRIA. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Direito e Cidadania) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2017.